

PesquisAtor Entrevista



Armando Sérgio Silva

Professor de interpretação do curso de Teatro da Universidade de São Paulo e coordenador
Centro de Pesquisa em Experimentação Cênica do Ator/Cepeca

Entrevistadora: Maria Everalda Sampaio

PesquisAtor – O senhor poderia fazer um resumo de sua trajetória acadêmica até a criação do Cepeca?

Armando Sérgio – Minha carreira universitária é decorrente da atuação no teatro amador. No tempo de escola, tínhamos um evento chamado Programa Estudantil. Na época, todos tinham 14, 15 anos... e, todo sábado, convidávamos a escola inteira para ir ao auditório. Lá, fazíamos dublagens e uma porção de coisas. Eu, por exemplo, imitava o Elvis Presley, aos 15 anos, e também fazia o personagem Soneca, na escolinha do grupo, que tentava copiar a Escolinha do Prof. Raimundo – anos depois a Globo produziu a escolinha com o Chico Anísio. O Soneca vivia sempre dormindo na aula.

Esse grupo de estudantes tinha uma vida muito intensa de trabalho, pratica esportes, ensaios e apresentações da fanfarra... era uma vida de esporte e cultura. Depois de um determinado tempo, resolvemos fundar um grupo de teatro, que se chamou Teatro Experimental Mogiano. Eu comecei interpretando. Fomos muito influenciados pelo Arena. Aquela maneira do Curinga de contar história... era muito gostoso. Bastava saber cantar e falar bem um texto, pronto... não era uma técnica apuradíssima de interpretação. Eu, por exemplo, tinha o apelido de seu Lima, porque a minha voz era parecida com a do Lima Duarte, e representava trechos do *Arena conta Zumbi*. Depois, em 1965, fizemos um espetáculo chamado *Tem poesia e bossa*.

Meus colegas começaram a achar que eu era um ator meio canastrão. Eu ficava em cena, mas observando-me como se eu estivesse fora dela, então me sugeriram que eu fosse diretor, mas eu nunca havia pensado nessa possibilidade. Em minha opinião, isso era até um desprestígio, eu sair do palco e ir para a direção.

Lembro-me que o Fernando Lona¹ tinha ganhado o Festival Nacional de Música Popular Brasileira, em 1966, produzido pela extinta TV Excelsior, com a música *Porta-Estandarte* cantada por Geraldo Vandré. Lona foi para Mogi das Cruzes, e eu fui convidado a dirigir o show, o qual foi muito prestigiado pelo público.

Tempos depois, nós precisávamos montar uma peça – naquele tempo, nós éramos muito ligados à ideologia dos partidos de esquerda – e eu tinha amigos do Partido Comunista.

Mas nunca fui de partido algum, o pessoal comentava que eu era artista, e que não servia para entrar em partido. A Inteligência do Partido era constituída por amigos da escola Washington Luiz, em que estudava.

Ainda em 1966, eu já estava em São Paulo fazendo cursinho, recebi um livro do grupo de Antônio Benetazzo, meu amigo e líder estudantil, que continha às peças *O Julgamento de Luculus* e *A exceção e a regra*, de Bertolt Brecht – eu nem sabia quem era o tal Brecht – a edição era em Português de Portugal, muito engraçado. Resolvi assumir a direção da peça *A exceção e a regra*, imaginei que o espetáculo teria certa influência do Teatro de Arena – que o cenário seria todo feito pelos corpos dos atores, e que teria música ao vivo. Sem saber nada sobre o conceito de distanciamento de Brecht. Nós tínhamos um atabaque, uma flauta, um violão e o coro que cantava.

Em resumo, com a montagem do espetáculo de Brecht, ganhei o Prêmio Governador do Estado – Melhor Diretor Amador do Estado de São Paulo, no primeiro espetáculo que eu dirigi. O prêmio era apresentar o espetáculo no Teatro Maria Della Costa, qual foi minha surpresa: no dia da estreia, pouco antes de começar, apareceram os batedores da polícia em escolta ao Governador do Estado, Laudo Natel, Décio de Almeida Prado e Augusto Boal, para assistirem ao meu espetáculo. O complemento do prêmio era foi uma bolsa de estudos para teatro.

Fui à Escola de Arte Dramática falar com Maria Thereza Vargas, a secretária, saber se tinha o curso de Direção. Para minha decepção, fui informado que lá só tinha o curso de

1. Fernando José Magalhães Lona, compositor baiano, iniciou a carreira artística em Salvador, apresentando-se em programas da TV Itapoan, em 1962. Além de compositor e intérprete, teve marcante atuação como ator e como diretor teatral, produzindo diversas trilhas sonoras para espetáculos e temas de novelas. Iniciou sua trajetória de sucesso com os precursores do Tropicalismo. Na Jovem Guarda alguns compuseram com ele ou gravaram suas músicas. Faleceu em 1977 aos 40 anos em um acidente automobilístico.

interpretação, mas estava abrindo na USP um novo curso na Escola de Comunicações Culturais/ECC, atualmente Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ECA/USP. Ah! Ganhei também o Prêmio Pierrot pela direção dessa mesma peça, naquele mesmo ano.

A ECC oferecia cursos de Teatro, Rádio e TV e Cinema. Eu prestei vestibular, fiquei na lista de espera, depois fui chamado. Naquele momento, eu trabalhava na Caixa Econômica Federal, para me sustentar e já fazia o Curso de Direito na Pontifícia Universidade Católica/PUCSP, na Rua Monte Alegre. Trabalhava e estudava Direito. Com a bolsa de estudos, eu pude sair do emprego, afinal a bolsa me oferecia o mesmo valor do meu salário de escriturário, é, foi assim que começou a minha carreira universitária de teatro. Sou da primeira turma de Teatro da ECC/USP que se formou em 1970.

Em 1971, poucos depois de eu me formar, o Prof. Clóvis Garcia me ligou – a ECA estava precisando de professores – convidando-me para dar aulas de interpretação no Curso de Teatro. Eu havia acabado de me casar e estava ainda em lua de mel. Lá ECA, permaneço até hoje. São 42 anos de carreira acadêmica.

Fiz o mestrado sobre o Teatro Oficina, que foi publicado com o título *Oficina: do Teatro ao Te-ato*. No doutorado, pesquisei sobre a Escola de Arte Dramática/EAD, do Dr. Alfredo Mesquita. Em minha Livre Docência – que é uma obra de interpretação – escrevi *Interpretação: uma oficina da essência*, a qual foi publicada em 2010 no livro *Cepeca: uma oficina de PesquisAtores*. Na mesma época, prestei concurso para professor titular.

PesquisAtor – Esse é primeiro livro do Cepeca?

Armando Sérgio – Sim. Esse livro foi produzido a partir da soma de artigos escritos pelos membros do Cepeca com o intuito de mapear as pesquisas de mestrado e doutorado produzidas até então pelo grupo e as que estavam se iniciando. Publicamos um livro grande de umas quatrocentas páginas. Agora estamos indo para o segundo volume, três anos depois, e, pela quantidade de pessoas que está escrevendo, penso que será maior ainda que o primeiro.

PesquisAtor – E quando surgiu o Cepeca?

Armando Sérgio – Em 2006, ministrei um curso de interpretação de pós-graduação. Fiquei muito entusiasmado com o seu resultado e repeti a disciplina. Alguns alunos voltaram a se matricular, então criei um grupo de estudos, com os alunos desse curso e resolvemos

fazer um espetáculo incluindo as pesquisas de todos, que veio a se chamar *Um ônibus chamado S... P...* (sem pudor), baseado no título de Tennessee Williams, *Um bonde chamado desejo*. Eu fiz a dramaturgia. Esse grupo se manteve, continuamos nos encontrando, uma vez por semana, informalmente, até que surgiu o Cepeca e, aos poucos, foi evoluindo. Hoje o Cepeca é o Centro de Pesquisa em Experimentação Cênica do Ator.

PesquisAtor – O Cepeca é um grupo de pesquisa da USP?

Armando Sérgio – O Cepeca, aos poucos, foi se institucionalizando. Hoje é um dos grupos de pesquisa que constam na pasta dos grupos de pesquisa da ECA/USP e também está registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/ CNPQ, como um grupo de pesquisa, desde 2010. Hoje ele é um organismo institucionalizado.

O Cepeca é constituído por um grupo de alunos de vários níveis, de professores do próprio departamento de teatro, doutorandos, doutores, mestrados, mestres, ouvintes, pesquisadores e iniciantes, é um emaranhado de titulações. São mais ou menos umas vinte pessoas, onde cada um tem seu projeto de pesquisa, e eu e o Prof. Eduardo Coutinho orientamos formalmente aos nossos alunos formais, que são oficiais, e a outros informalmente porque são orientandos de outros professores, mas que desenvolvem pesquisas na área de formação do ator. Só existe uma regra dentro do Cepeca: todos têm de ter um projeto de pesquisa próprio, e produzir espetáculos. Nós nos encontramos uma vez por semana, as pessoas apresentam as cenas, e depois discutimos a relação das cenas com as pesquisas. Todo o grupo discute e debate.

PesquisAtor – Como definir o Cepeca? O grupo tem uma linha única de pesquisa?

Armando Sérgio – O Cepeca foi muito bem definido pelo Prof. Dr. Renato Ferracini, da Universidade de Campinas/Unicamp, como um “coletivo de individualidades”. Fomos até lá apresentar nossas pesquisas em um seminário organizado pelo Lume Teatro, e assim fomos definidos por ele. O único ponto em comum, entre as pesquisas, é que todos trabalham com interpretação. Outra característica do Cepeca, que foi surgindo, aos poucos, é a do ator criador do espetáculo. Um ator que assume a dramaturgia, o cenário, figurino, encenação, enfim, tudo. Essa é a única linha básica, cada um tem uma pesquisa própria, para chegar a esse resultado espetacular. Nós temos desde pesquisas de artes marciais aplicadas no trabalho ator, tais como *tai ken do*, filosofias orientais, como *yoga*, *tai chi chuan* até os movimentos dos

loucos de rua, a máscara, cada um na sua linha de pesquisa, e todos eles são orientados por mim. Eu procuro fazer com que as pessoas consigam resultados artísticos em função da pesquisa. Na verdade, elas não são orientadas só por mim, mas por todo o grupo, porque é uma discussão coletiva, constante. Então respondendo a sua pergunta, não, o grupo não tem uma única linha de pesquisa, cada um possui a sua.

PesquisAtor – Por que o Cepeca pode ser interessante para o ator, diretor e dançarino?

Armando Sérgio – Porque no Cepeca a conversa é sempre sobre o trabalho do ator e a criação espetacular. Ora, todas as pessoas que têm interesse específico nas áreas afins das pesquisas, vão ter cerca de vinte pessoas pesquisando no mesmo caminho e discutindo as mesmas coisas. Manter o ambiente qualificado de trocas e de acompanhamento das pesquisas ao longo prazo é muito difícil em qualquer contexto, principalmente no acadêmico. Na pós-graduação, cada um fica com seu orientador, não tem essa troca constante entre os alunos. Nosso interesse é exatamente que o aluno da pós se desenvolva como pesquisador na área de interpretação.

PesquisAtor – O senhor tem conhecimento de outros grupos que funcionem nos mesmos moldes do Cepeca?

Armando Sérgio – Que eu saiba, não. Existem outros grupos de pesquisa em interpretação, mas não tem essa abertura para as pesquisas individuais. O tal do coletivo repleto de individualidades eu não conheço. Conheço programas de graduação que têm pesquisas de todos os tipos, mas um grupo que se reúna constantemente, cada um desenvolvendo a sua pesquisa, vivendo sua pesquisa muito particular, eu não conheço. Pode ser que tenha no exterior, mas no Brasil não conheço.

PesquisAtor – Qual deve ser o procedimento para se fazer parte do Cepeca?

Armando Sérgio – Em primeiro lugar a pessoa tem de chegar ao Cepeca. Tem de ir à USP, em uma quinta-feira de manhã, porque se interessa muito por interpretação e gostaria de pesquisar a arte do ator. Ela começa assistir aos nossos processos. Não tem nada de fechado, os encontros são todos abertos. As pessoas não têm receios de apresentar suas pesquisas às pessoas que nunca viram, não tem esse problema.

As pessoas chegam até a sala 22 do CAC, onde são os encontros do Cepeca, de várias maneiras, têm pessoas que leem a nosso respeito, veem no site, outras são indicadas por membros, ou frequentadores do Cepeca. Cada um vai à sua maneira, e a pessoa também pode ir aqui se apresentar, se quiser mostrar-nos um espetáculo, um experimento. Eu recebo a todos com muito carinho. Se a pessoa vai continuar ou não, já é outro problema, isso é uma questão que depende dela.

PesquisAtor – Onde fica o Cepeca?

Armando Sérgio – O Cepeca funciona no departamento de Teatro, no CAC, Centro de Artes Cênicas, que é aqui dentro da Escola de Comunicações e Artes da USP. É um prédio composto de salas de aula e dois teatros. O Cepeca funciona todas às quintas-feiras na sala 22.

PesquisAtor – Quais são os seus planos e sonhos para o Cepeca?

Armando Sérgio – Os planos para o Cepeca são o seguinte: em primeiro lugar que as pessoas sempre produzam espetáculos, e que eles sejam cada vez mais bem elaborados, bem feitos. Que as pessoas tenham dignidade de apresentar os trabalhos com muita honestidade, com muita pesquisa. Enfim, aos poucos, o Cepeca passe a ter uma espécie de disseminação, porque todo professor procura disseminar conhecimento, quanto mais, melhor.

PesquisAtor – Como isso se dá?

Armando Sérgio – Os membros do Cepeca têm publicado artigos em periódicos especializados, participado de congressos, publicado individualmente livros relacionados à área, enfim, em vários formatos nossas produções artísticas e acadêmicas vêm sendo difundidas na mídia especializada. Sem falar desta revista, PesquisAtor, que é produzida pelo Cepeca... mas não quero ser redundante, a revista deve falar por si mesma.

PesquisAtor – E até onde o senhor pretende chegar com o Cepeca?

Armando Sérgio – Até onde ele for! Recentemente estivemos realizando um projeto em Portugal chamado “Inter-Cambius: a dramaturgia do ator”, em parceria com a ESTC, Escola Superior de Teatro e Cinema, do Instituto Politécnico de Lisboa. O projeto teve o objeti-

vo de promover o intercâmbio e a difusão de pesquisas entre o Cepeca e o Departamento de Teatro da ESTC, do Instituto Politécnico de Lisboa, além de difundir as pesquisas do Cepeca para os alunos de graduação e mestrado da ESTC, e para a comunidade teatral portuguesa, através do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC).

O projeto foi financiado e apoiado pelo programa da pró-reitoria da USP. Fomos para lá em três turmas de pesquisadores – uma em dezembro de 2012, outra em março de 2013 e a última no começo de maio de 2013 – cada grupo passou em Lisboa por volta de 10 dias, apresentando espetáculos, dando palestras, e aplicando oficinas e *workshops*. Levamos aos nossos irmãos portugueses o resultado de nossos estudos. A experiência foi tão positiva que já estamos preparando novos intercâmbios internacionais para 2014, só que dessa vez pela América. Os “pesquisadores” estão atravessando oceanos e mares para difundir as pesquisas e os trabalhos artísticos em Artes Cênicas do Brasil. A última fase do projeto junto a Portugal será realizada no Brasil, onde o Cepeca irá organizar uma mostra com vídeos, fotos e palestras para expor os resultados desse intercâmbio.

PesquisAtor – De onde surgiu esse termo “pesquisadores”?

Eu inventei essa palavra “pesquisadores”. Achei que ficava menos redundante do que ator pesquisador. Acabei corrompendo o termo pesquisador, é um neologismo. Ficou interessante, carregado de mais sentido.

Por falar em sentido, no Cepeca tudo que envolve a pesquisa sobre o trabalho do ator é possível. Nosso sonho é real, ninguém aqui jamais sonhou ser conhecido, ou ganhar dinheiro com isso, ou ficar famoso.

PesquisAtor – Mas qual sonho é esse, professor?

Meu sonho sempre é a honestidade, algo menos pródigo, porém mais consistente em relação ao futuro do Cepeca e dos seus “pesquisadores”.